

TEORIA, MODELOS E FRAMEWORKS: CONCEITOS E DIFERENÇAS

Marcelo Macedo¹
Mariane Ramos de Souza²

Abstract: *One of the most common doubts among graduate students is related to the difficulty of defining the difference between theory, theoretical framework and conceptual framework to guide the construction of a thesis or dissertation. These words are used interchangeably or without a clear understanding of the differences between them, and in different ways in different research approaches. In this sense, this article uses the systematic review methodology to distinguish the meaning of each of these terms. The aim is to help the reader to develop an understanding of the meaning of these concepts and how they should be used in the development of postgraduate academic work. The concepts of these frameworks, the purpose of each one and how they should be used in research were presented.*

Keywords: *Theory; theoretical modelo; conceptual model; theoretical framework; conceptual framework.*

Resumo: Uma das dúvidas mais comuns entre alunos de pós-graduação está relacionada à dificuldade de definir a diferença entre teoria, modelos e frameworks para direcionar a construção de um uma tese ou dissertação. Essas palavras são usadas de forma intercambiável ou sem uma compreensão clara das diferenças entre elas, e de diferentes maneiras em diferentes abordagens de pesquisa. Nesse sentido, este artigo usa a metodologia de revisão sistematizada para fazer a distinção do significado de cada um desses termos. O objetivo é ajudar o leitor a desenvolver a compreensão do significado desses conceitos, e como eles devem ser usados no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos de pós-graduação. Foram apresentados os conceitos desses arcabouços, a finalidade de cada um e como eles são usados nas pesquisas.

Palavras-chave: Teoria; modelo teórico; modelo conceitual; framework teórico; framework conceitual.

1 INTRODUÇÃO

Um dos principais problemas observados em muitas pesquisas, por parte dos alunos de pós-graduação, é a dificuldade de articular diferenças entre teoria, modelos e *frameworks* para a construção de suas pesquisas. Ainda é muito comum em pesquisas de mestrado e doutorado haver uma certa confusão no que se refere a esses conceitos. Grande parte dos alunos considera difícil e confuso fazer uma distinção entre eles, bem como, suas variantes.

¹ Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4154-9318>. e-mail: marcelo@gmail.com

² Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0925-7903>. e-mail: souzamariane@hotmail.com

Cada um deles deve ser usado com um propósito específico. São esses arcabouços teóricos e conceituais que direcionam os caminhos para que uma pesquisa possa ter credibilidade científica/metodológica. Portanto, antes de propor o desenvolvimento de uma teoria, modelo ou de um *framework* para a responder uma questão de pesquisa em uma tese ou dissertação, é necessário compreender os conceitos desses arcabouços, para que se possa identificar qual deles será utilizado. Essas estruturas conceituais/teóricas são requisito essencial em uma pesquisa para direcionar o aluno no seu estudo. Uma boa compreensão de ambos resulta em uma boa pesquisa.

No entanto, existem poucas publicações que esclarecem com clareza as diferenças entre essas estruturas. A falta de apreciação das diferenças entre esses termos pode comprometer os resultados de uma pesquisa. Sem clareza, existe o risco de haver equívocos nas interpretações e aplicações compartilhadas desses termos. Também há o risco de classificar alguns trabalhos como mal executados ou sem rigor, quando na realidade, estão empregando diferentes interpretações paradigmáticas desses termos.

Nesse contexto, este artigo visa contribuir para o conhecimento existente sobre o significado de cada um desses conceitos. O objetivo principal é ajudar o leitor a desenvolver uma compreensão consistente do significado desses termos e como eles devem ser usados no desenvolvimento de uma pesquisa.

Por isso, nesse artigo, na seção 2 será abordado o conceito de teoria, e no item 3 são abordados os conceitos de *frameworks* e suas tipologias. Na seção seguinte são explanados os conceitos de modelos. Na quinta seção são apresentadas as diferenças entre os conceitos de *framework* conceitual e teórico e, na sexta parte, as diferenças entre teoria e *frameworks* segundo a abordagem dedutivista objetivista e indutiva subjetivista de Varpio et al. (2020).

2 TEORIA

Uma teoria se configura como uma declaração generalizada de abstrações, ideias, conceitos, definições e temas que afirmam, explicam ou preveem o significado de relações, a natureza ou conexões entre fenômenos em um contexto específico, dentro dos limites de suposições críticas que a teoria explicitamente faz, permitindo assim, agir de forma adequada.

Partindo desse entendimento, Kerlinger e Lee (2000) argumentam que a definição de teoria reúne três elementos:

- Uma teoria é um conjunto de proposições formadas por construções definidas e inter-relacionadas;
- Uma teoria estabelece as inter-relações entre um conjunto de variáveis (construções) que

permitem apresentar uma visão sistemática dos fenômenos descritos pelas variáveis;

- Uma teoria explica os fenômenos, especificando como e quais variáveis estão relacionadas, permitindo ao pesquisador prever certas variáveis.

Uma teoria, segundo Kivunja (2018) emerge de um processo de pesquisa que usa dados empíricos para fazer afirmações baseadas na análise dos dados de forma dedutiva e indutiva. Baseada em suposições estabelecidas, as observações da pesquisa produzem resultados que convergem em descobertas sobre relacionamentos, e isso permite ao pesquisador formular as proposições a partir das quais a teoria abstrata é então generalizada. A teoria resultante é que irá fornecer um alicerce intelectual fundamentado em pesquisa para compreender, analisar e criar novas formas de investigar relacionamentos e solucionar problemas em domínios específicos.

Existem diversas categorias de teorias. Dentre elas, os autores citam: descritivas (ou seja, nomear e caracterizar um fenômeno), explicativas (ou seja, esclarecendo as relações entre os fenômenos), disruptivas (ou seja, estender o conhecimento existente ou refutá-lo) ou preditivas (ou seja, prever um resultado com base em entradas específicas). As teorias também podem ter diferentes níveis de poder explicativo. Existem grandes teorias que são altamente abstratas e que tendem a se preocupar com amplos padrões naturais ou sociais; teorias de médio alcance que abordam aspectos mais específicos das interações humanas; e microteorias que se concentram em fenômenos de nível individual.

3 FRAMEWORK

Um *framework*, de maneira geral, é uma estrutura (um esqueleto) que possibilita o desenvolvimento de algo sobre sua base inicial, podendo representar um problema e fornecer a base para a resolução deste problema em um domínio específico. A finalidade dessa estrutura é tornar os resultados de uma pesquisa mais rigorosos e significativos, possibilitar o desenvolvimento de teorias e assegurar a generalização.

Um *framework* pode ser classificado em conceitual, teórico, prático e híbrido. Porém, muitos professores e alunos de pós-graduação ainda fazem confusão em relação a esses termos e os aplicam em suas pesquisas de forma equivocada, tornando os resultados pouco consistentes. Em razão disso, o conceito de cada um deles será explicado à seguir.

3.1 FRAMEWORK CONCEITUAL

Este tipo de *framework* é aquele que utiliza conceitos com a finalidade de organizar o processo de pesquisa e o conhecimento defendido pelo pesquisador, visando a solução de um

problema específico. Ele pontua as suposições de um pesquisador e como ele fundamenta conceitualmente sua abordagem, além de apontar os estudos que ele concorda e discorda. É usado, também, para identificar quando as teorias existentes não são aplicáveis ou suficientes para que o pesquisador possa construir uma estrutura factível para o estudo. Além disso, pode ser usado como guia para desenvolvimento, uso e teste de intervenções e seleção de instrumentos de coleta de dados, fornecendo a explicação para os resultados do estudo e situando os achados em gaps identificados na literatura.

Em teses e dissertações, de forma prática, esse tipo de *framework* compreende seus pensamentos sobre a identificação do tema de pesquisa, o problema a ser investigado, as perguntas a serem feitas, a literatura a ser revisada, as teorias a serem aplicadas, a metodologia que será utilizada, os métodos, procedimentos e instrumentos, a análise de dados e a interpretação dos achados, recomendações e conclusões que serão feitas (Ravitch & Riggan, 2017).

Para isso, o *framework* conceitual deve ser configurado como uma estrutura lógica, que apresenta um conjunto de procedimentos que o pesquisador irá desempenhar, representado na forma de uma imagem ou exibição visual de como os conceitos utilizados no estudo se relacionam entre si. Esses *frameworks* podem, portanto, ser explicitados de forma gráfica (utilizando diagramas e setas, por exemplo) ou de forma narrativa, definindo claramente as variáveis do tópico de pesquisa ou construtos estudados, bem como a forma como estes se relacionam, refletindo assim, todo o processo de pesquisa.

Em concordância, Fisher (2007) coloca que os pesquisadores têm a liberdade de adotar as estruturas existentes, mas precisam modificá-las para se adequar à natureza do contexto de sua pesquisa, bem como à natureza de suas questões de pesquisa. Para o autor, uma boa estrutura conceitual também deve ser expressa por escrito para que seja entendida com clareza. Isso significa que após um pesquisador ter produzido uma representação diagramática das principais variáveis do estudo, ele deve explicar as relações entre elas e como isso ajuda a responder ao problema de pesquisa.

Um *framework* conceitual leva em consideração as seguintes questões sobre a pesquisa (Kivunja, 2018):

1. O que será feito na pesquisa? Por exemplo, conforme articulado em seu tópico de pesquisa.
2. Por que será feito isso? Por exemplo, por que é importante realizar essa pesquisa? Por que é significativo? Que objetivos procurará alcançar? Que objetivos específicos irá perseguir? Qual o escopo que ele cobrirá?

3. Como será feito isso? Por exemplo, qual metodologia será aplicada? Quais métodos serão usados? Quem serão seus participantes? Como serão coletados e analisados os dados?

4. Como será dado significado aos dados? Por exemplo, qual estrutura teórica será usada para analisar os dados? Qual software será usado? Quais habilidades serão necessárias?

6. Como serão relatadas as descobertas? Por exemplo, em um artigo, um capítulo de livro, um livro ou uma tese?

3.2 *FRAMEWORK* TEÓRICO

Uma teoria existente provavelmente não fornecerá explicações plausíveis do significado contido em seus dados. Isso porque, por definição, uma teoria é uma abstração, uma generalização e, portanto, não é conteúdo ou tópico específico. Em contraste, por definição, um *framework* teórico é uma estrutura analítica desenvolvida para responder à uma pergunta de pesquisa específica e abordar o problema declarado. Portanto, a melhor maneira de desenvolver o *framework* teórico é realizar uma revisão de literatura completa para que o *framework* possa emergir dessa literatura, conforme representado nas visões teóricas expressas pelos principais autores em um campo de estudo (Scott & Usher, 2004).

Para realizar esta tarefa, são revisadas as teorias que são relevantes para o tópico de estudo, questão de pesquisa e problema, e usado o conteúdo, ou seja, os conceitos, suposições, afirmações, modelos e previsões, para chegar a um *framework* teórico adaptado às necessidades de pesquisa, para explicar as descobertas do estudo.

Um *framework* teórico, portanto, atua como um guia ou a base sobre a qual a pesquisa será realizada, ou seja, é uma estrutura baseada em uma teoria ou conjunto de teorias existentes, e construtos à cerca de um domínio específico que serão utilizados na pesquisa, e irão orientar o pesquisador para que ele não se desvie dos limites das teorias que são relevantes para seu estudo.

Sem um *framework* teórico os resultados da pesquisa podem ser comprometidos, pois a pesquisa não terá um direcionamento adequado, e o pesquisador estará sujeito a erros metodológicos relacionados à abordagem teórica a ser utilizada. A adoção ou a adaptação de uma teoria deve refletir o entendimento do pesquisador sobre o estudo e deve conduzir o mesmo (Simon & Goes, 2011).

Imenda (2014) ressalta ainda que uma pesquisa sem um *framework* teórico carece de direção precisa para a busca de literatura adequada e discussões acadêmicas dos achados da pesquisa. Nesse sentido, o *framework* teórico auxiliará o pesquisador a encontrar uma abordagem de pesquisa apropriada, ferramentas analíticas e procedimentos para sua investigação. Isso torna os

resultados da pesquisa mais significativos e generalizáveis (Akintoye, 2015).

Para fazer uma seleção adequada de um contexto teórico, o pesquisador deve considerar os princípios norteadores do estudo e situar o problema em relação a ele. As questões de pesquisa do estudo e o objetivo do estudo devem contemplar aspectos perceptíveis do *framework* teórico e devem estar de acordo com as afirmações promulgadas pelos autores da teoria selecionada (Maxwell, 2004; LoBiondo-Wood, 2010).

O *framework* deve apresentar ainda todos os aspectos relacionados ao levantamento da literatura, metodologia, apresentação e discussão dos achados, bem como das conclusões que são extraídas.

Após a realização de todo o estudo, os resultados da pesquisa resultantes do estudo devem corroborar, estender ou modificar a teoria existente que foi utilizada na realização da pesquisa (Lester, 2005). O pesquisador pode criticar, desenvolver e/ou expandir a teoria que serviu de guia para seu estudo à partir dos achados do estudo (Grant & Osanloo, 2014).

No que se refere à uma tese ou dissertação, o *framework* teórico não é um resumo de seus próprios pensamentos sobre sua pesquisa. Em vez disso, na concepção de Kivunja (2018), é uma síntese dos pensamentos dos principais autores em um campo de pesquisa, como eles se relacionam com a dissertação ou tese proposta, como são entendidas essas teorias e como essas teorias serão usadas para entender seus dados. Em essência, essa estrutura compreende o que os principais autores em um campo de pesquisa dizem sobre uma questão de pesquisa, sobre o problema a ser investigado, e pode até incluir sugestões de como resolver esse problema, incluindo como interpretar as descobertas em seus dados. O que esses autores com conhecimento mais profundo dizem, irá auxiliar na condução da análise de dados, interpretação e discussão das descobertas, e nas recomendações e conclusões.

Existem ainda os *frameworks* práticos e híbridos que possuem finalidades específicas e, por isso, não tem a mesma abrangência no uso quanto os *frameworks* teóricos e conceituais.

3.3 FRAMEWORK PRÁTICO

Os *frameworks* práticos são muito utilizados nas ciências exatas, e podem ser relacionados normalmente a artefatos aplicáveis em casos concretos, como *frameworks* para desenvolvimento de softwares executáveis ou sistemas *web* (Elhakeem & Barry, 2013; Nugroho et al., 2019; Aguiar, 2022).

Os *frameworks* práticos também estão presentes na gestão e performance, no desenvolvimento ágil de softwares, como os casos do Scrum, SaFe (*Scaled Agile Framework*) ou

LeSS (*Large Scale Scrum*), que são necessariamente boas práticas de serviços que foram criadas de maneira empírica por especialistas, testadas e validadas em organizações, tendo seu resultado final representado por um *framework*, que proporciona a solução para um determinado problema comum a estas empresas ou indivíduos (Piikkila, 2020; Aguiar, 2022).

Matos e Pedro (2008) relatam que estes tipos de *frameworks* são concretizados pela acumulação de conhecimento prático, ou seja, de ideias, pressupostos e conceitos derivados ou construídos pelos práticos e pelas práticas, do que por teorias formalmente estabelecidas na comunidade de investigação.

3.4 FRAMEWORK HÍBRIDO

Existe ainda o *framework* híbrido. Para Tomhave (2005) e Shehabudeen et al. (1999), um *framework* pode ser denominado como híbrido, quando preocupa-se em realizar a compreensão de um determinado fenômeno, e também aplicá-lo a um contexto real, orientando inclusive, à sua própria implementação.

4 MODELO

No que se refere aos modelos, na literatura é muito comum encontrar, principalmente, os termos “modelo conceitual” e “modelo teórico”. No processo de escrita de teses e dissertações, a distinção entre o que significa cada um deles ainda não é feita de forma adequada. Ainda existe muita confusão por parte dos pesquisadores para desenvolver seus trabalhos.

4.1 MODELO TEÓRICO

O que dizer sobre o conceito de modelos teóricos, que gera tanta confusão entre pesquisadores? Na literatura não há um consenso sobre as diferenças entre *frameworks* teóricos e modelos teóricos. Existem autores que consideram o modelo teórico como a representação diagramática do *framework* teórico.

É o caso de Green (2014), que afirma que uma representação diagramática de um *framework* teórico pode ser chamada de modelo teórico. É, no entanto, segundo o autor, menos provável que se represente diagramaticamente uma única teoria em vez de conceitos, que estão sendo usados para construir uma teoria ou são retirados de teorias diferentes.

Robson e Mc Cartan (2002), complementam, salientando que grande parte de pesquisadores considera útil desenvolver um modelo teórico – a forma diagramática de um *framework* teórico – e

refiná-lo à medida que a coleta e a análise de dados ocorrem.

Considerando tais conceitos, corrobora-se aqui que uma representação diagramática de um *framework* teórico pode, portanto, ser chamada de modelo teórico.

4.2 MODELO CONCEITUAL

Segundo Grove, Burns e Gray (2013) os modelos conceituais são exemplos de grandes teorias e são altamente abstratos com construtos relacionados. Um modelo conceitual explica amplamente o fenômeno de interesse, expressa suposições e reflete uma postura filosófica. Um modelo conceitual é uma imagem de um fenômeno.

Há autores que consideram *framework* conceitual e modelo conceitual sinônimos (Kalideen, 1993; Beulah et al., 2017; Lachman, 1993). Liehr e Smith (1999) também consideram ambos sinônimos. Em consonância com este argumento, ainda destacam que, nos casos em que o pesquisador tiver que sintetizar as visões existentes na literatura sobre uma determinada situação – tanto teórica quanto a partir de achados empíricos - essa síntese pode ser chamada de modelo ou *framework* conceitual, que representa essencialmente uma maneira integrada de olhar para o problema.

Defende-se aqui, portanto, que um *framework* conceitual e um modelo conceitual são sinônimos e tem a mesma finalidade.

5 DIFERENÇAS ENTRE FRAMEWORK CONCEITUAL E FRAMEWORK TEÓRICO

Muitos estudantes e pesquisadores costumam perguntar se o *framework* teórico é o mesmo que o *framework* conceitual. Às vezes, os pesquisadores desenvolvem seus *frameworks* conceituais a partir das teorias que sustentam suas pesquisas. Embora esses *frameworks* funcionem de mãos dadas, eles possuem características que os diferenciam entre si. As diferenças são descritas na tabela a seguir (Adom, Hussein, Agyem, 2018).

Quadro: Diferença entre modelos teóricos e conceituais.

<i>Framework</i> teórico	<i>Framework</i> conceitual
Ele fornece um conjunto geral ou mais amplo de ideias dentro do qual um estudo pertence.	Refere-se a ideias específicas ou mais restritas que um pesquisador utiliza em seu estudo.
Baseia-se em teoria/teorias existentes na literatura que foram testadas e validadas por outros estudiosos.	Baseia-se nos conceitos que são as principais variáveis de um estudo.

É na forma de um modelo que dinamiza um estudo, com seus expoentes e os resultados de seus estudos.	É um modelo construído pelo próprio pesquisador que ele usa para explicar a relação que existe entre as principais variáveis em seu estudo. Também pode ser uma adaptação de um modelo em uma teoria existente que um pesquisador adapta para se adequar ao seu propósito de pesquisa.
É bem desenvolvido, projetado e aceito.	Seu desenho não é aceito, mas é uma proposta de resposta do pesquisador ao problema de pesquisa que definiu.
Ele oferece um ponto focal para abordar a pesquisa desconhecida em um campo específico de investigação.	É a estrutura que mostra logicamente como a investigação deve ser realizada.
Consiste em teorias que parecem inter-relacionadas com suas proposições deduzidas.	Consiste em conceitos interligados para explicar as relações entre eles e como o pesquisador afirma responder ao problema de pesquisa definido.
É usado para testar teorias, prever e controlar as situações dentro do contexto de uma investigação.	Destina-se a incentivar o desenvolvimento de uma teoria que seria útil para os profissionais da área.

Fonte: Adom, Hussein, Agyem (2018).

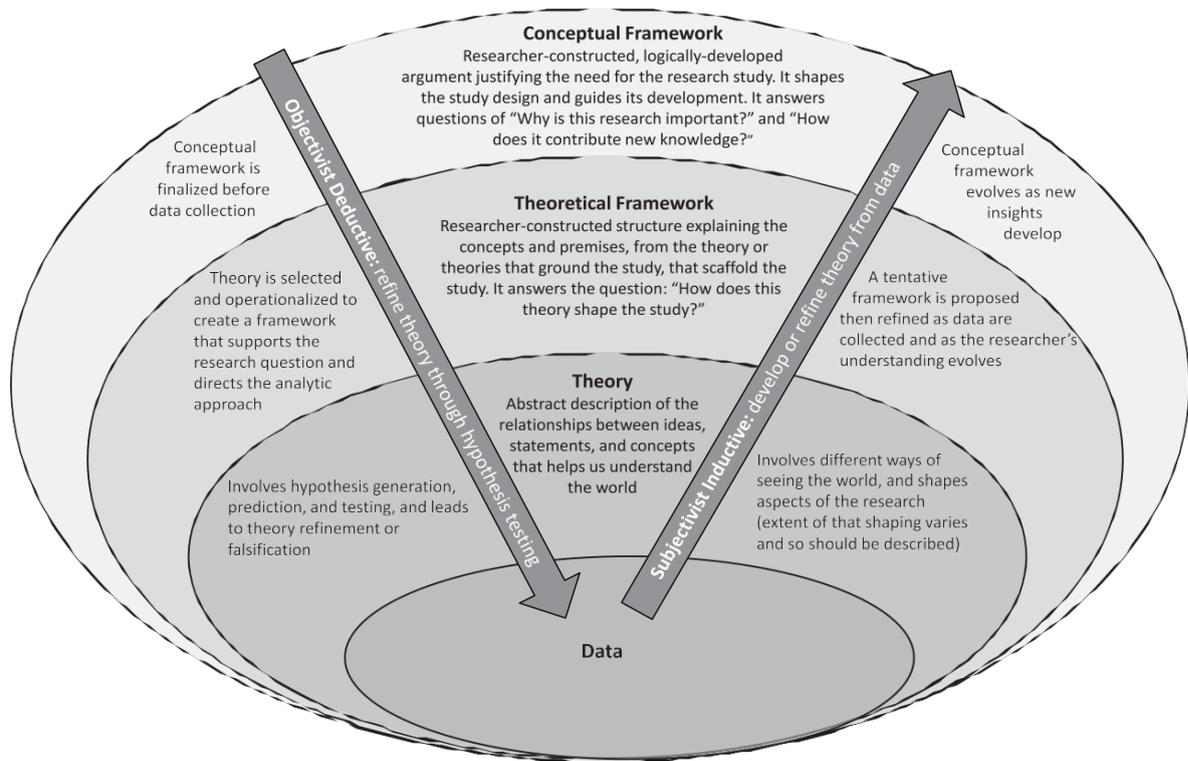
O *framework* conceitual é o plano mestre lógico para todo o seu projeto de pesquisa, enquanto que o teórico é apenas um pequeno subconjunto da estrutura conceitual. Assim, enquanto a estrutura conceitual pode ser o produto de próprio pensamento do pesquisador sobre o assunto de pesquisa, a estrutura teórica compreende as perspectivas teóricas de outras pessoas que são interpretadas como relevantes para a pesquisa e úteis para a análise e interpretação de dados (Kivunja, 2018).

5 DIFERENÇAS ENTRE TEORIA, *FRAMEWORKS* TEÓRICOS E *FRAMEWORKS* CONCEITUAIS

Os conceitos de teoria, *framework* teórico e *framework* conceitual, em muitos casos, são usados de forma intercambiável ou sem uma compreensão clara das diferenças entre eles. Problematizando ainda mais essa situação, está o fato de que estes são termos que são usados de diferentes maneiras em diferentes abordagens de pesquisa.

Varpio et al. (2020) desenvolveram uma maneira de descrever esses termos, que destaca as semelhanças entre paradigmas, mas que também respeita diferenças paradigmáticas importantes. Os autores descrevem como pesquisadores de duas abordagens distintas, os dedutivos objetivistas e indutivos subjetivistas (Young et al., 2020) aplicam esses conceitos. A figura 1 ilustra as principais distinções e relacionamentos entre esses termos e suas aplicações.

Figura 1 - Visual depiction of the similarities and differences between theory, theoretical framework, and conceptual framework across objectivist deductive and subjectivist inductive approaches to research



Fonte: Varpio et al., (2020).

De acordo com Varpio et al. (2020), quando um pesquisador se envolve em pesquisa dedutiva objetivista, uma teoria geralmente é o ponto de partida para o projeto de pesquisa. A teoria oferece componentes testáveis, incluindo, por exemplo: as relações de causa e efeito que podem ser examinadas, os conceitos que devem ser operacionalizados e as variáveis que são relevantes para o controle. Esses componentes testáveis são usados para gerar hipóteses específicas que são a base para um estudo. Nessa abordagem, um pressuposto central é que a teoria faz parte do objeto de pesquisa. Em outras palavras, a hipótese que está sendo testada é um aspecto da teoria de interesse. Assim, o estudo está testando simultaneamente uma hipótese derivada da teoria e a teoria que a acompanha subjacente a essa hipótese.

Já a pesquisa indutiva, conforme os autores, envolve ir de dados específicos relativos a um fenômeno particular para uma conceituação geral ou abstrata do fenômeno. É uma abordagem de baixo para cima (ou seja, trabalhando a partir de dados até conceituações abstratas). A pesquisa indutiva subjetivista não começa com uma hipótese; em vez disso, esta pesquisa começa com o desejo de entender ou explicar um fenômeno particular. O pesquisador coleta dados de e/ou sobre

esse fenômeno e procura padrões entre os dados para gerar uma compreensão do fenômeno em um contexto específico, geralmente por meio de entrevistas, grupos focais e/ou observações. Os pesquisadores constroem ativamente e subjetivamente os resultados da pesquisa em colaboração com os participantes do estudo.

Embora os termos teoria, *framework* teórico e *framework* conceitual compartilhem significados comuns em diferentes abordagens de pesquisa, as maneiras pelas quais elas são aplicadas variam muito entre abordagens dedutivas objetivistas e indutivas subjetivistas.

5.1 TEORIA, *FRAMEWORK* TEÓRICO E CONCEITUAL (DEDUTIVA OBJETIVISTA)

Existem duas características chave segundo os autores, das teorias compartilhadas por todas as pesquisas conduzidas a partir de uma abordagem dedutiva objetivista: uma teoria deve ser testável e estar aberta a ser falsificada. Uma boa teoria, nessa abordagem, normalmente se baseia em trabalhos anteriores. Um estudo adiciona novos conhecimentos adicionando outro bloco de construção de evidências para apoiar, refinar ou desafiar uma teoria. Essa abordagem de pesquisa constrói conhecimento lentamente – estudos incrementais em programas de trabalho orientados à teoria constroem compreensões cada vez mais refinadas dos fenômenos, que permitem melhores previsões futuras e/ou uma teoria mais robusta.

Dentro uma abordagem dedutiva objetivista, os autores colocam que há uma progressão linear que precisa ser seguida: da teoria, ao desenvolvimento de hipóteses, à coleta de dados, à interpretação dos achados, ao refinamento da teoria ou à geração de novas explicações causais. A teoria revisada ou nova desenvolvida por meio de pesquisa pode se tornar o início de um novo estudo. O pesquisador dedutivo objetivista começa identificando a teoria a partir da qual construirá o *framework* teórico do estudo.

O pesquisador coloca a teoria em ação, como um *framework* teórico, articulando porque o contexto atual é uma área de estudo legítima para uma determinada teoria, moldando os construtos de interesse, articulando a linguagem e os pressupostos específicos da questão de pesquisa, identificando as variáveis e condições de interesse e orientando a abordagem de análise. Este é o trabalho que o *framework* teórico apresenta aos leitores para tornar uma teoria operacional, testável e capaz de ser usada para prever, testar uma hipótese ou explicar um fenômeno. Na tradição dedutiva objetivista, um *framework* teórico é tipicamente construído antes da coleta de dados e é fixo – o que significa que uma estrutura teórica é escrita antes do início do estudo e permanece praticamente inalterada durante todo o processo de pesquisa. Após a escolha de uma teoria, o pesquisador pode construir o arcabouço teórico que transforma a teoria em objeto de estudo (Varpio et al., 2020).

Na pesquisa dedutiva objetivista, um *framework* conceitual normalmente inclui uma descrição da literatura relevante, um resumo da teoria relevante, uma explicação de por que essa teoria poderia ser informativa para este contexto, uma questão de pesquisa específica que provavelmente contém uma hipótese, uma justificativa para a pesquisa, metodologia adotada e uma série de desfechos ou variáveis de interesse. Uma estrutura conceitual é finalizada antes do estudo e raramente é modificada após o início da coleta de dados (Varpio et al.,2020).

5.2 TEORIA, *FRAMEWORK* TEÓRICO E CONCEITUAL (INDUTIVA OBJETIVISTA)

Na abordagem indutiva subjetivista, a teoria não existe apenas como uma descrição abstrata que os pesquisadores leem e debatem, mas também pode residir dentro do pesquisador como uma estrutura cognitiva que molda seu pensamento e escolhas de projeto de pesquisa. Nesta abordagem, a teoria não é estável. Está em constante evolução, informada pela experiência, valores e percepções dos pesquisadores. Além disso, o pesquisador indutivo subjetivista pode se envolver com uma única teoria ou com várias teorias em um único estudo. Existem três maneiras principais pelas quais a teoria é usada por pesquisadores indutivos subjetivistas: primeiro, a teoria pode ser o produto da pesquisa; em segundo lugar, uma ou mais teorias podem informar todo o processo de pesquisa. Aqui, a teoria molda cada estágio do processo de pesquisa, incluindo o desenvolvimento de uma questão de pesquisa, escolhas metodológicas, coleta de dados, análise de dados e conclusões do estudo; e terceiro, a teoria pode ser uma ferramenta interpretativa. Para alguns pesquisadores, a decisão sobre qual teoria ou teorias informarão as interpretações finais dos dados são uma escolha que só pode ser finalizada durante os ciclos de coleta e análise de dados (Varpio et al.,2020).

Para criar um *framework* teórico, o pesquisador indutivo subjetivista deve primeiro decidir qual desses três desenhos de estudo descritos será usado. Esta decisão guiará o desenvolvimento do quadro teórico, incluindo decisões práticas do desenho da pesquisa. O *framework* conceitual provavelmente precisará evoluir durante um estudo à medida que novas ideias, *insights* e conhecimento são desenvolvidos. Como resultado, um pesquisador geralmente constrói uma estrutura conceitual provisória no início do estudo, sabendo que provavelmente precisará ser ajustada à medida que os dados transformam a compreensão do pesquisador sobre o fenômeno. Essa estrutura incluirá uma descrição da literatura relevante, um resumo da teoria relevante, uma explicação de por que a pesquisa deve ser realizada no contexto selecionado, pergunta de pesquisa e justificativa da metodologia de pesquisa selecionada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo abordou os conceitos e as diferenças entre teoria, modelos e *frameworks*. O artigo esclareceu que toda tese ou dissertação deve emergir da revisão teórica. O *framework* teórico é extraído da literatura teórica sobre um determinado tópico de pesquisa, e um *framework* conceitual é algo mais amplo que abrange praticamente todos os aspectos de uma pesquisa. É a estrutura geral que compreende a totalidade dos componentes da pesquisa, incluindo o *framework* teórico.

Foram abordadas ainda, as semelhanças e diferenças entre abordagens dedutivas objetivistas e abordagens indutivas subjetivistas relacionadas aos conceitos de teoria, *framework* conceitual e teórico.

Os resultados da análise e descrição dos conceitos, das diferenças e semelhanças entre esses arcabouços pode ser um importante referencial para apoiar o processo de pesquisa acadêmica, e ainda, atuar como direcionador para definir quando e como se utilizar da teoria, modelos e dos *frameworks*.

Conclui-se, a partir dos conceitos apresentados neste artigo, que apesar da confusão existente na literatura sobre esses termos, que os conceitos de *framework* conceitual e modelo conceitual são sinônimos e tem a mesma finalidade. Em relação ao *framework* teórico e modelo teórico, a única diferença está no fato de que o modelo teórico é uma representação diagramática do *framework* teórico. Ou seja, para aqueles que consideram a representação diagramática útil, o uso de modelos teóricos como forma de ilustrar um *framework* teórico, pode ser considerado.

É importante que as diferenças entre esses conceitos sejam cada vez mais discutidas na literatura para que os pesquisadores entendam seu significado, ou por que a variação de significado é aceitável ao usar abordagens diferentes. Pesquisadores precisam ter uma noção mais clara de que *frameworks* e modelos existem para ajudá-los, e não são apenas mais um obstáculo a ser superado.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Adom, D, Hussein E. K, Agyem, J. A. Theoretical and conceptual framework: mandatory ingredients of a quality research. International Journal of Scientific Research. Volume-7, Issue-1, January-2018. ISSN No 2277 – 8179, IF : 4.176, IC Value: 93.98
- Aguiar, F.F. KB4FIN: Um framework para criação e sustentação de bases de conhecimento em Fintechs. Tese – qualificação de doutorado, 342p. UFSC/PPGEGC, 2022.
- Akintoye, A. (2015). Developing Theoretical and conceptual frameworks. Jedm.oauife.edu.ng>uploads>2017/03/07

- Elhakeem, Yousra Faisal Gad Mahgoup; Barry, Bazara I. A. Developing a security model to protect websites from cross-site scripting attacks using ZEND framework application. In: 2013, Khartoum. 2013 International Conference on Computing, Electrical and Electronic Engineering (ICCEEE). Khartoum: IEEE, 2013. p. 624–629.
- Fisher, C. (2007). *Researching and Writing a Dissertation: A Guidebook for Business Students*. Financial Times Prentice Hall: Intervarsity Press.
- Grant, C.; Osanloo, A. (2014). Understanding, Selecting, and Integrating a Theoretical Framework in Dissertation Research: Creating the Blueprint for ‘House’. *Administrative Issues Journal: Connecting Education, Practice and Research*, Pp. 12-22.
- Green H (2014) Use of theoretical and conceptual frameworks in qualitative research. *Nurse Researcher*. 21, 6, 34-38.
- Grove, S. K., Burns, N., & Gray, J. (2013). *The practice of nursing research: Appraisal, synthesis, and generation of evidence*. Missouri: Elsevier.
- Imenda, S. (2014). Is There a Conceptual difference between conceptual and theoretical frameworks? *Journal of Social Science*, 38(2):185-195.
- Kalideen, D. (1993). Is there a place for nursing models in theatre nursing? *British Journal of Theatre Nursing*, 3(5), 4–6.
- Kerlinger, F. N.; Lee, H. B. (2000). *Foundations of behavioural research*. 4th Edn. Belmont, CA: Cengage Learning.
- Kivunja, C. (2015). *Teaching, learning and assessment: Steps towards creative Practice*. Melbourne, Vic: Oxford University Press.
- Kivunja, C. Distinguishing between Theory, Theoretical Framework, and Conceptual Framework: A Systematic Review of Lessons from the Field. *International Journal of Higher Education*. Vol. 7, No. 6; 2018.
- Lachman, V.D. (1993, June). Communication skills for effective interpersonal relations. Concurrent session presented at the American Nephrology Nurses Association 24th National Symposium, Orlando, FL.
- Lester, F. (2005). On the Theoretical, Conceptual, and Philosophical Foundations for Research in Mathematics Education. *ZDM*, 37(6), 457-467.
- Liehr P, Smith MJ (1999). Middle range theory: Spinning research and practice to create knowledge for the new millennium. *Advances in Nursing Science*, 21(4): 81-91.
- LoBiondo-Wood, G. (2010). Understanding Research Findings. IN LoBiondo-Wood, Matos, João Felipe.; Pedro, Neuza. *De que falamos quando falamos de Framework na Investigação*

- em Educação (Matemática)?. Badajoz: [s. n.], 2008.
- Maxwell, J. (2004). *Qualitative Research Design: An Interactive Approach* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Miles, M. B., & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative Data Analysis: An Expanded Source Book* (2nd ed.). Newbury Park, CA: Sage.
- Nugroho, Kristiawan et al. Mobile Cloud Learning System Using Laravel Framework and Android Studio Web View. In: 2019, Semarang. 2019 International Seminar on Application for Technology of Information and Communication (iSemantic). Semarang: IEEE, 2019. p. 141–144.
- Piikkila, Jessica. O que é o SAFe?: Aprenda sobre o SAFe e seus princípios e entenda como ele se diferencia de outras estruturas ágeis. [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.atlassian.com/br/agile/agile-at-scale/what-is-safe>.
- Ravitch, S. M. & Riggan, M. (2017). *How conceptual frameworks guide research*. 2nd Edn. Los Angeles, CA: Sage
- Robson, K; Mc Cartan, C. (2002) *Real World Research*. Second edition. John Wiley & Sons, Chichester.
- Scott. D. & Usher, R. (2004). *Researching education: Data, methods, and theory in educational enquiry*. New York: Continuum.
- Shehabuddeen, Noordin et al. Representing and Approaching Complex Management Issues: Part 1 - Role and Definition. SSRN Electronic Journal, [S. l.], 1999.
- Simon, M. K. & Goes, J. (2011). *Developing a Theoretical Framework*. Seattle, WA: Dissertation Success, LLC.
- Swanson, R. A. (2013). *Theory building in applied disciplines*. San Francisco, CA: Berrett-Koehler.
- Tomhave, Benjamin L. Alphabet Soup: Making Sense of Models, Frameworks, and Methodologies. In: 2005, Anais [...]. [S. l.: s. n.].
- Young, Meredith PhD; Varpio, Lara PhD; Uijtdehaage, Sebastian PhD; Paradis, Elise PhD O espectro das abordagens de pesquisa indutiva usando dados analíticos e qualitativos acadêmicos: Julho de 2020 - Volume 95 - Edição Medicina7 - p 1122.